

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Claro Enigma*

10<sup>a</sup> EDIÇÃO

Poesia

9.15  
3cl



B869.15  
A553d  
EMP

#### OBRAS DO AUTOR NA RECORD

##### Prosa

CONTOS DE APRENDIZ  
FALA, AMENDOEIRA  
ABOLSA & A VIDA  
CADEIRA DE BALANÇO  
CAMINHOS DE JOÃO BRANDÃO  
O PODER ULTRAJOVEM  
DE NOTÍCIAS E NÃO-NOTÍCIAS FAZ-SE A CRÔNICA  
OS DIAS LINDOS  
70 HISTORINHAS  
CONTOS PLAUSÍVEIS  
BOCA DE LUAR  
O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO  
MOÇA DEITADA NA GRAMA  
O AVESSO DAS COISAS  
AUTO-RETRATO E OUTRAS CRÔNICAS  
SELETA EM PROSA E VERSO

##### Poesia

A ROSA DO PVO  
CLARO ENIGMA  
ANTOLOGIA POÉTICA  
BOITEMPO I E BOITEMPO II  
AS IMPUREZAS DO BRANCO  
A PAIXÃO MEDIDA (Lição de Coisas)  
CORPO  
AMAR SE APRENDE AMANDO  
TEMPO VIDA POESIA  
POESIA ERRANTE  
SENTIMENTO DO MUNDO  
JOSÉ (Fazendeiro do Ar e Novos Poemas)  
O AMOR NATURAL  
A VIDA PASSADA A LIMPO  
DISCURSO DE PRIMAVERA E ALGUMAS SOMBRA

##### Infantil

O ELEFANTE (Col. Abre-te, Sésamo)  
HISTÓRIA DE DOIS AMORES

# CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## *Claro Enigma*

##### Poesia

10.<sup>a</sup> EDIÇÃO



**EDITORAL RECORD**

*Les événements m'ennuient.*

*P. VALÉRY*

## Sumário

### *I — ENTRE LOBO E CÃO*

<i>Dissolução</i>	15
<i>Remissão</i>	17
<i>A ingaia ciência</i>	18
<i>Legado</i>	19
<i>Confissão</i>	20
<i>Perguntas em forma de cavalo-marinho</i>	21
<i>Os animais do presépio</i>	22
<i>Sonetilho do falso Fernando Pessoa</i>	24
<i>Um boi vê os homens</i>	25
<i>Memória</i>	27
<i>A tela contemplada</i>	28
<i>Ser</i>	29
<i>Contemplação no banco</i>	31
<i>Sonho de um sonho</i>	35
<i>Cantiga de enganar</i>	38
<i>Oficina irritada</i>	42
<i>Opaco</i>	43
<i>Aspiração</i>	45

### *II — NOTÍCIAS AMOROSAS*

<i>Amar</i>	49
<i>Entre o ser e as coisas</i>	51

<i>Tarde de maio</i>	52
<i>Fraga e sombra</i>	54
<i>Canção para álbum de moça</i>	55
<i>Rapto</i>	57
<i>Campo de flores</i>	59

**III — O MENINO E OS HOMENS**

<i>A um varão, que acaba de nascer</i>	63
<i>O chamado</i>	67
<i>Quintana's bar</i>	69
<i>Aniversário</i>	71

**IV — SELO DE MINAS**

<i>Evocação mariana</i>	75
<i>Estampas de Vila Rica</i>	77
<i>Morte das casas de Ouro Preto</i>	81
<i>Canto negro</i>	85
<i>Os bens e o sangue</i>	89

**V — OS LÁBIOS CERRADOS**

<i>Convívio</i>	99
<i>Permanência</i>	101
<i>Perguntas</i>	102
<i>Carta</i>	105
<i>Encontro</i>	107
<i>A mesa</i>	108

**VI — A MÁQUINA DO MUNDO**

<i>A máquina do mundo</i>	121
<i>Relógio do Rosário</i>	125

*Claro Enigma*

*I — ENTRE LOBO E CÃO*

## DISSOLUÇÃO

Escorece, e não me seduz  
tatear sequer uma lâmpada.  
Pois que aprouve ao dia findar,  
aceito a noite.

E com ela aceito que brote  
uma ordem outra de seres  
e coisas não figuradas.  
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,  
mais vasto é o céu. Povoações  
surgem do vácuo.  
Habito alguma?

E nem destaco minha pele  
da confluente escuridão.  
Um fim unânime concentra-se  
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito  
que o dia carreia consigo  
já não opreme. Assim a paz,  
destroçada.

Vai durar mil anos, ou  
extinguir-se na cor do galo?  
Esta rosa é definitiva,  
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,  
já te desprezo. E tu, palavra.  
No mundo, perene trânsito,  
calamo-nos.  
E sem alma, corpo, és suave.

## REMISSÃO

Tua memória, pasto de poesia,  
tua poesia, pasto dos vulgares,  
vão se engastando numa coisa fria  
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,  
se esse travo de angústia nos cantares,  
se o que dorme na base da elegia  
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves  
e te forçou ao exílio das palavras,  
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, e suas formas breves  
ou longas, que sutil interpretavas,  
se evapora no fundo de teu ser?

## A INGAIA CIÊNCIA

**A** madureza, essa terrível prenda  
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,  
todo sabor gratuito de oferenda  
sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vê, posto que a venda  
interrompa a surpresa da janela,  
o círculo vazio, onde se estenda,  
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato  
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,  
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,  
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,  
se destroem no sonho da existência.

## LEGADO

**Q**ue lembrança darei ao país que me deu  
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?  
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu  
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?  
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.  
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,  
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,  
uma voz matinal palpitando na bruma  
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso  
na vida restará, pois o resto se esfuma,  
uma pedra que havia em meio do caminho.

## CONFISSÃO

Não amei bastante meu semelhante,  
não catei o verme nem curei a sarna.  
Só proferi algumas palavras,  
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.  
(Cego é talvez quem esconde os olhos  
embaixo do catre.) E na meia-luz  
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem  
e tudo que ele implica de suave,  
de concordâncias vegetais, murmúrios  
de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,  
contudo próximo. Não amei ninguém.  
Salvo aquele pássaro — vinha azul e doido —  
que se esfacelou na asa do avião

## PERGUNTAS EM FORMA DE CAVALO-MARINHO

Que metro serve  
para medir-nos?  
Que forma é nossa  
e que conteúdo?

Contemos algo?  
Somos contidos?  
Dão-nos um nome?  
Estamos vivos?

A que aspiramos?  
Que possuímos?  
Que relembramos?  
Onde jazemos?

(Nunca se finda  
nem se criara.  
Mistério é o tempo,  
inigualável.)

## OS ANIMAIS DO PRESÉPIO

**S**alve, reino animal:  
todo o peso celeste  
suportas no teu ermo.

Toda a carga terrestre  
carregas como se  
fosse feita de vento.

Teus cascos lacerados  
na lixa do caminho  
e tuas cartilagens

e teu rude focinho  
e tua cauda zonza,  
teu pêlo matizado,

tua escama furtiva,  
as cores com que iludes  
teu negrume geral,

teu vôo limitado,  
teu rastro melancólico,  
tua pobre verônica

em mim, que nem pastor  
soube ser, ou serei,  
se incorporam, num sopro.

Para tocar o extremo  
de minha natureza,  
limito-me: sou burro.

Para trazer ao feno  
o senso da escultura,  
concentro-me: sou boi.

A vária condição  
por onde se atropela  
essa ânsia de explicar-me

agora se apascenta  
à sombra do galpão  
neste sinal: sou anjo.

## SONETILHO DO FALSO FERNANDO PESSOA

Onde nasci, morri.  
Onde morri, existo.  
E das peles que visto  
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti  
posso durar. Desisto  
de tudo quanto é misto  
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,  
à deusa que se ri  
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto  
além, nenhum, aqui,  
mas não sou eu, nem isto.

## UM BOI VÊ OS HOMENS

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm  
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos  
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes  
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres  
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,  
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam  
nem o canto do ar nem os segredos do feno,  
como também parecem não enxergar o que é visível  
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes  
e no rastro da tristeza chegam à crueldade.  
Toda a expressão deles mora nos olhos — e perde-se  
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.  
Nada nos pêlos, nos extremos de inconcebível fragilidade,  
e como neles há pouca montanha,  
e que secura e que reentrâncias e que  
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,  
permanentes e necessárias. Têm, talvez,  
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem

perdoar a agitação incômoda e o translúcido  
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos  
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme  
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam  
[no campo  
como pedras aflitas e queimam a erva e a agua,  
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade

## MEMÓRIA

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

A TELA CONTEMPLADA

**P**intor da soledade nos vestíbulos de mármore e losango, onde as colunas se deploram silentes, sem que as pombas venham trazer um pouco do seu ruflo;

traça das finas torres consumidas no vazio mais branco e na insolvência de arquiteturas não arquitetadas, porque a plástica é vã, se não comove,

ó criador de mitos que sufocam,  
desperdiçando a terra, e já recuam  
para a noite, e no charco se constelam,

por teus condutos flui um sangue vago,  
e nas tuas pupilas, sob o tédio,  
é a vida um suspiro sem paixão.

SER

O filho que não fiz  
hoje seria homem.  
Ele corre na brisa,  
sem carne, sem nome.

Às vezes o encontro  
num encontro de nuvem.  
Apóia em meu ombro  
seu ombro nenhum.

Interrogo meu filho,  
objeto de ar:  
em que gruta ou concha  
quedas abstrato?

Lá onde eu jazia,  
responde-me o hálito,  
não me percebeste,  
contudo chamava-te

como ainda te chamo  
(além, além do amor)  
onde nada, tudo  
aspira a criar-se.

O filho que não fiz  
faz-se por si mesmo.

## CONTEMPLAÇÃO NO BANCO

### I

O coração pulverizado range  
sob o peso nervoso ou retardado ou tímido  
que não deixa marca na alameda, mas deixa  
essa estampa vaga no ar, e uma angústia em mim,  
espiralante.

Tantos pisam este chão que ele talvez  
um dia se humanize. E malaxado,  
embebido da fluida substância de nossos segredos,  
quem sabe a flor que aí se elabora, calcária, sangüínea?

Ah, não viver para contemplá-la! Contudo,  
não é longo mentar uma flor, e permitido  
correr por cima do estreito rio presente,  
construir de bruma nosso arco-íris.

Nossos donos temporais ainda não devassaram  
o claro estoque de manhãs  
que cada um traz no sangue, no vento.

Passarei a vida entoando uma flor, pois não sei cantar  
nem a guerra, nem o amor cruel, nem os ódios organizados,  
e olho para os pés dos homens, e cismo.

Escultura de ar, minhas mãos  
te modelam nua e abstrata  
para o homem que não serei.

Ele talvez compreenda com todo o corpo,  
para além da região minúscula do espírito,  
a razão de ser, o ímpeto, a confusa  
distribuição, em mim, de seda e péssimo.

## II

Nalgum lugar faz-se esse homem...  
Contra a vontade dos pais ele nasce,  
contra a astúcia da medicina ele cresce,  
e ama, contra a amargura da política.

Não lhe convém o débil nome de filho,  
pois só a nós mesmos podemos gerar,  
e esse nega, sorrindo, a escura fonte.

Irmão lhe chamaria, mas irmão  
por quê, se a vida nova  
se nutre de outros sais, que não sabemos?

Ele é seu próprio irmão, no dia vasto,  
na vasta integração das formas puras,  
sublime arrolamento de contrários  
enlaçados por fim.

Meu retrato futuro, como te amo,  
e mineralmente te pressinto, e sinto  
quanto estás longe de nosso vão desenho  
e de nossas roucas onomatopéias...

## III

Vejo-te nas ervas pisadas.  
O jornal, que aí pousa, mente.

Descubro-te ausente nas esquinas  
mais povoadas, e vejo-te incorpóreo,  
contudo nítido, sobre o mar oceano.

Chamar-te visão seria  
malconhecer as visões  
de que é cheio o mundo  
e vazio.

Quase posso tocar-te, como às coisas diluculares  
que se moldam em nós, e a guarda não captura,  
e vingam.

Dissolvendo a cortina de palavras,  
tua forma abrange a terra e se desata  
à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas.

Triste é não ter um verso maior que os literários,  
é não compor um verso novo, desorbitado,  
para envolver tua efígie lunar, ó quimera  
que sobes do chão batido e da relva pobre.

## SONHO DE UM SONHO

Sonhei que estava sonhando  
e que no meu sonho havia  
um outro sonho esculpido.  
Os três sonhos superpostos  
dir-se-iam apenas elos  
de uma infindável cadeia  
de mitos organizados  
em derredor de um pobre eu.  
Eu que, mal de mim!, sonhava.

Sonhava que no meu sonho  
retinha uma zona lúcida  
para concretar o fluido  
como abstrair o maciço.  
Sonhava que estava alerta,  
e mais do que alerta, lúcido,  
e receptivo, e magnético,  
e em torno a mim se dispunham

possibilidades claras,  
e, plástico, o ouro do tempo  
vinha cingir-me e dourar-me  
para todo o sempre, para  
um sempre que ambicionava  
mas de todo o ser temia...  
Ai de mim! que mal sonhava

Sonhei que os entes cativos  
dessa livre disciplina  
plenamente floresciam  
permutando no universo  
uma dileta substância  
e um desejo apaziguado  
de ser um com ser milhares,  
pois o centro era eu de tudo,  
como era cada um dos raios  
desfechados para longe,  
alcançando além da terra  
ignota região lunar,  
na perturbadora rota  
que antigos não palmilharam  
mas ficou traçada em branco  
nos mais velhos portulanos  
e no pó dos marinheiros  
afogados em mar alto.

Sonhei que meu sonho vinha  
como a realidade mesma.  
Sonhei que o sonho se forma  
não do que desejaríamos  
ou de quanto silenciamos  
em meio a ervas crescidas,  
mas do que vigia e fulge  
em cada ardente palavra  
proferida sem malícia,

aberta como uma flor  
se entreabre: radiosamente.

Sonhei que o sonho existia  
não dentro, fora de nós,  
e era tocá-lo e colhê-lo,  
e sem demora sorvê-lo,  
gastá-lo sem vão receio  
de que um dia se gastara.  
Sonhei certo espelho límpido  
com a propriedade mágica  
de refletir o melhor,  
sem azedume ou frieza  
por tudo que fosse obscuro,  
mas antes o iluminando,  
mansamente o convertendo  
em fonte mesma de luz.  
Obscuridade! Cansaço!  
Oclusão de formas meigas!  
Ó terra sobre diamantes!  
Já vos libertais, sementes,  
germinando à superfície  
deste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando  
que não sonhara... Mas via  
na treva em frente a meu sonho,  
nas paredes degradadas,  
na fumaça, na impostura,  
no riso mau, na inclemência,  
na fúria contra os tranqüilos,  
na estreita clausura física,  
no desamor à verdade,  
na ausência de todo amor,  
eu via, ai de mim, sentia  
que o sonho era sonho, e falso.

## CANTIGA DE ENGANAR

O mundo não vale o mundo,  
meu bem.  
Eu plantei um pé-de-sono,  
brotaram vinte roseiras.  
Se me cortei nelas todas  
e se todas se tingiram  
de um vago sangue jorrado  
ao capricho dos espinhos,  
não foi culpa de ninguém.  
O mundo,  
meu bem,  
não vale  
a pena, e a face serena  
vale a face torturada.  
Há muito aprendi a rir,  
de quê? de mim? ou de nada?  
O mundo, valer não vale.  
Tal como sombra no vale,

a vida baixa... e se sobe  
algum som deste declive,  
não é grito de pastor  
convocando seu rebanho.  
Não é flauta, não é canto  
de amoroso desencanto.  
Não é suspiro de grilo,  
voz noturna de nascentes  
não é mãe chamando filho,  
não é silvo de serpentes  
esquecidas de morder  
como abstratas ao luar.  
Não é choro de criança  
para um homem se formar.  
Tampouco a respiração  
de soldados e de enfermos,  
de meninos internados  
ou de freiras em clausura.  
Não são grupos submergidos  
nas geleiras do entressono  
e que deixem desprender-se,  
menos que simples palavra,  
menos que folha no outono,  
a partícula sonora  
que a vida contém, e a morte  
contém, o mero registro  
da energia concentrada.  
Não é nem isto, nem nada.  
É som que precede a música,  
sobrante dos desencontros  
e dos encontros fortuitos,  
dos malencontros e das  
miragens que se condensam  
ou que se dissolvem noutras  
absurdas figurações.

O mundo não tem sentido.  
O mundo e suas canções  
de timbre mais comovido  
estão calados, e a fala  
que de uma para outra sala  
ouvimos em certo instante  
é silêncio que faz eco  
e que volta a ser silêncio  
no negrume circundante.  
Silêncio: que quer dizer?  
Que diz a boca do mundo?  
Meu bem, o mundo é fechado,  
se não for antes vazio.  
O mundo é talvez: e é só.  
Talvez nem seja talvez.  
O mundo não vale a pena,  
mas a pena não existe.  
Meu bem, façamos de conta.  
De sofrer e de olvidar,  
de lembrar e de fruir,  
de escolher nossas lembranças  
e revertê-las, acaso  
se lembrem demais em nós.  
Façamos, meu bem, de conta  
— mas a conta não existe —  
que é tudo como se fosse,  
ou que, se fora, não era.  
Meu bem, usemos palavras.  
Façamos mundo: idéias.  
Deixemos o mundo aos outros,  
já que o querem gastar.  
Meu bem, sejamos fortíssimos  
— mas a força não existe —  
e na mais pura mentira  
do mundo que se desmente,

recortemos nossa imagem.  
mais ilusória que tudo,  
pois haverá maior falso  
que imaginar-se alguém vivo,  
como se um sonho pudesse  
dar-nos o gosto do sonho?  
Mas o sonho não existe.  
Meu bem, assim acordados,  
assim lúcidos, severos,  
ou assim abandonados,  
deixando-nos à deriva  
levar na palma do tempo  
— mas o tempo não existe —  
sejamos como se fôramos  
num mundo que fosse: o Mundo

## OFICINA IRRITADA

**E**u quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,  
não desperte em ninguém nenhum prazer.  
E que, no seu maligno ar imaturo,  
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro  
há de pungir, há de fazer sofrer,  
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrara: tiro no muro,  
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,  
claro enigma, se deixa supreender.

## OPACO

**N**oite. Certo  
muitos são os astros.  
Mas o edifício  
barra-me a vista.

Quis interpretá-lo.  
Valeu? Hoje  
barra-me (há luar) a vista.

Nada escrito no céu,  
sei.  
Mas queria vê-lo.  
O edifício barra-me  
a vista.

Zumbido  
de besouro. Motor  
arfando. O edifício barra-me  
a vista.

Assim ao luar é mais humilde.  
Por ele é que sei do luar.  
Não, não me barra  
a vista. A vista se barra  
a si mesma.

## ASPIRAÇÃO

Já não queria a maternal adoração  
que afinal nos exaure, e resplandece em pânico,  
tampouco o sentimento de um achado precioso  
como o de Catarina Kippenberg aos pés de Rilke

E não queria o amor, sob disfarces tontos  
da mesma ninfa desolada no seu ermo  
e a constante procura de sede e não de linfa,  
e não queria também a simples rosa do sexo,

abscôndita, sem nexo, nas hospedarias do vento  
como ainda não quero a amizade geométrica  
de almas que se elegeram numa seara orgulhosa,  
imbricamento, talvez? de carências melancólicas.

Aspiro antes à fiel indiferença  
mas pausada bastante para sustentar a vida  
e, na sua indiscriminação de crueldade e diamante,  
capaz de sugerir o fim sem a injustiça dos prêmios.

## *II — NOTÍCIAS AMOROSAS*

---

OÃO

Novo Igrejinha é anuncia-  
do em 20 de setembro de  
1900 no Rio de Janeiro.

Naquele dia, torna-se o  
primeiro sacerdote  
do novo bairro.  
O sacerdote

Antônio  
Coutinho  
de Souza

10

11

## AMAR

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
sozinho, em rotação universal, senão  
rodar também, e amar?  
amar o que o mar traz à praia,  
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,  
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectante,  
e amar o inóspito, o áspero,  
um vaso sem flor, um chão de ferro,  
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa  
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

## ENTRE O SER E AS COISAS

Onda e amor, onde amor, ando indagando  
ao largo vento e à rocha imperativa,  
e a tudo me arremesso, nesse quando  
amanhece frescor de coisa viva.

As almas, não, as almas vão pairando,  
e, esquecendo a lição que já se esquia,  
tornam amor humor, e vago e brando  
o que é de natureza corrosiva.

N'água e na pedra amor deixa gravados  
seus hieróglifos e mensagens, suas  
verdades mais secretas e mais nuas.

E nem os elementos encantados  
sabem do amor que os punge e que é, pungindo,  
uma fogueira a arder no dia findo.

## TARDE DE MAIO

Como esses primitivos que carregam por toda parte o  
[maxilar inferior de seus mortos,  
assim te levo comigo, tarde de maio,  
quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a terra,  
outra chama, não-perceptível, e tão mais devastadora,  
surdamente lavrava sob meus traços cômicos,  
e uma a uma, *disjecta membra*, deixava ainda palpitantes  
e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma  
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza  
sem fruto.

Mas os primitivos imploram à relíquia saúde e chuva,  
colheita, fim do inimigo, não sei que portentos.  
Eu nada te peço a ti, tarde de maio,  
senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível.  
sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de  
converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém  
que, precisamente, volve o rosto, e passa...

Outono é a estação em que ocorrem tais crises,  
e em maio, tantas vezes, morremos.

Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera,  
já então espetrais sob o aveludado da casca,  
trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres  
com que nos ungiram, e nas vestes a poeira do carro  
fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos,  
sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.  
E os que o vissem não saberiam dizer: se era um préstido  
lutuoso, arrastado, pocirento, ou um desfile carnavalesco.  
Nem houve testemunha.

Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos,  
[muitos.  
Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem  
[máscara?

Se morro de amor, todos o ignoram  
e negam. O próprio amor se desconhece e maltrata.  
O próprio amor se esconde, ao jeito dos bichos caçados;  
não está certo de ser amor, há tanto lavou a memória  
das impurezas de barro e folha em que repousava. E resta,  
perdida no ar, por que melhor se conserve,  
uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens.

## FRAGA E SOMBRA

A sombra azul da tarde nos confrange  
Baixa, severa, a luz crepuscular.  
Um sino toca, e não saber quem tange  
é como se este som nascesse do ar.

Música breve, noite longa. O alfanje  
que sono e sonho ceifa devagar  
mal se desenha, fino, ante a falange  
das nuvens esquecidas de passar.

Os dois apenas, entre céu e terra,  
sentimos o espetáculo do mundo,  
feito de mar ausente e abstrata serra.

E calcamos em nós, sob o profundo  
instinto de existir, outra mais pura  
vontade de anular a criatura.

## CANÇÃO PARA ÁLBUM DE MOÇA

Bom dia: eu dizia à moça  
que de longe me sorria.  
Bom dia: mas da distância  
ela nem me respondia.  
Em vão a fala dos olhos  
e dos braços repetia  
bom-dia à moça que estava,  
de noite como de dia,  
bem longe de meu poder  
e de meu pobre bom-dia.  
Bom-dia sempre: se acaso  
a resposta vier fria  
ou tarde vier, contudo  
esperarei o bom-dia.  
E sobre casas compactas,  
sobre o vale e a serrania,  
irei repetindo manso

a qualquer hora: bom dia.  
O tempo é talvez ingrato  
e funda a melancolia  
para que se justifique  
o meu absurdo bom-dia.  
Nem a moça põe reparo,  
não sente, não desconfia  
o que há de carinho preso  
no cerne deste bom-dia.  
Bom dia: repito à tarde,  
à meia-noite: bom dia.  
E de madrugada vou  
pintando a cor de meu dia,  
que a moça possa encontrá-lo  
azul e rosa: bom dia.  
Bom dia: apenas um eco  
na mata (mas quem diria)  
decifra minha mensagem,  
deseja bom o meu dia.  
A moça, sorrindo ao longe,  
não sente, nessa alegria,  
o que há de rude também  
no clarão deste bom-dia.  
De triste, turbido, inquieto,  
noite que se denuncia  
e vai errante, sem fogos,  
na mais louca nostalgia.  
Ah, se um dia respondesses  
ao meu bom-dia: bom dia!  
Como a noite se mudara  
no mais cristalino dia!

## RAPTO

Se uma águia fende os ares e arrebata  
esse que é forma pura e que é suspiro  
de terrenas delícias combinadas;  
e se essa forma pura, degradando-se,  
mais perfeita se eleva, pois atinge  
a tortura do embate, no arremate  
de uma exaustão suavíssima, tributo  
com que se paga o vôo mais cortante;  
se, por amor de uma ave, ei-la recusa  
o pasto natural aberto aos homens,  
e pela via hermética e defesa  
vai demandando o cândido alimento  
que a alma faminta implora até o extremo;  
se esses raptos terríveis se repetem  
já nos campos e já pelas noturnas  
portas de pérola díbia das boates;  
e se há no beijo estéril um soluço  
esquivo e refolhado, cinza em núpcias,

e tudo é triste sob o céu flamante  
(que o pecado cristão, ora jungido  
ao mistério pagão, mais o alanceia),  
baixemos nossos olhos ao desígnio  
da natureza ambígua e reticente:  
ela tece, dobrando-lhe o amargor,  
outra forma de amar no acerbo amor.

## CAMPO DE FLORES

**D**eus me deu um amor no tempo de madureza,  
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.  
Deus — ou foi talvez o Diabo — deu-me este amor maduro,  
e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos  
e outros acrescento aos que amor já criou.  
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso  
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia  
e cansado de mim julgava que era o mundo  
um vácuo atormentado, um sistema de erros.  
Amanhecem de novo as antigas manhãs  
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra  
imensa e contraída como letra no muro  
e só hoje presente.

Deus me deu um amor porque o mereci  
De tantos que já tive ou tiveram em mim,  
o sumo se espremeu para fazer um vinho  
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa  
a tirar sua cor dessas chamas extintas  
era o tempo mais justo. Era tempo de terra.  
Onde não há jardim, as flores nascem de um  
secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso  
para arrecadar as alfaiaias de muitos  
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes,  
e ao vê-los amorosos e transidos em torno,  
o sagrado terror converto em jubilação.

Seu grão de angústia amor já me oferece  
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia  
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura  
e o mistério que além faz os seres preciosos  
à visão extasiada

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,  
há que amar diferente. De uma grave paciência  
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia  
tenha dilacerado a melhor doação.  
Há que amar e calar.  
Para fora do tempo arrasto meus despojos  
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

### III – O MENINO E OS HOMENS

## O MUNDO E OS HOMENS

### A UM VARÃO, QUE ACABA DE NASCER

**C**hegas, e um mundo vai-se  
como animal ferido,  
arqueja. Nem aponta  
uma forma sensível,  
pois já sabemos todos  
que custa a modelar-se  
uma raiz, um broto.  
E contudo vens tarde.  
Todos vêm tarde. A terra  
anda morrendo sempre,  
e a vida, se persiste,  
passa descompassada,  
e nosso andar é lento,  
curto nosso respiro,  
e logo repousamos  
e renascemos logo.  
(Renascemos? talvez.)

Crepita uma fogueira  
que não aquece. Longe.  
Todos vêm cedo, todos  
chegam fora de tempo,  
antes, depois. Durante,  
quais os que aportam? Quem  
respirou o momento,  
vislumbrando a paisagem  
de coração presente?  
Quem amou e viveu?  
Quem sofreu de verdade?  
Como saber que foi  
nossa aventura, e não  
outra, que nos legaram?  
No escuro prosseguimos.  
Num vale de onde a luz  
se exilou, e no entanto  
basta cerrar os olhos  
para que nele trema,  
remoto e matinal,  
o crepúsculo. Sombra!  
Sombra e riso, que importa?  
Estendem os mais sábios  
a mão, e no ar ignoto  
o roteiro decifram,  
e é às vezes um eco,  
outras, a caça esquia,  
que desafia, e salva-se.  
E a corrente, atravessa-a,  
mais que o veleiro impróprio,  
certa cumplicidade  
entre nosso corpo e água.  
Os metais, as madeiras  
já se deixam malear,  
de pena, dóceis. Nada

é rude tão bastante  
que nunca se apiede  
e se furte a viver  
em nossa companhia.  
Este é de resto o mal  
superior a todos:  
a todos como a tudo  
estamos presos. E  
se tentas arrancar  
o espinho de teu flanco,  
a dor em ti rebate  
a do espinho arrancado.  
Nosso amor se mutila  
a cada instante. A cada  
instante agonizamos  
ou agoniza alguém  
sob o carinho nosso.  
Ah, libertar-se, lá  
onde as almas se espelhem  
na mesma frigidez  
de seu retrato, plenas!  
É sonho, sonho. Ilhados,  
pendentes, circunstantes,  
na fome e na procura  
de um eu imaginário  
e que, sendo outro, aplaque  
todo este ser em ser,  
adoramos aquilo  
que é nossa perda. E morte  
e evasão e vigília  
e negação do ser  
com dissolver-se em outro  
transmutam-se em moeda

e resgate do eterno.  
Para amar sem motivo  
e motivar o amor  
na sua desrazão,  
Pedro, vieste ao mundo.  
Chamo-te meu irmão.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL  
"LUIZ DE BECCAR"  
BELO HORIZONTE - MINAS GERAIS

## O CHAMADO

**N**a rua escura o velho poeta  
(lume de minha mocidade)  
já não criava, simples criatura  
exposta aos ventos da cidade.

Aovê-lo curvo e desgarrado  
na caótica noite urbana,  
o que senti, não alegria,  
era, talvez, carência humana.

E pergunto ao poeta, pergunto-lhe  
(numa esperança que não digo)  
para onde vai — a que angra serena,  
a que Pasárgada, a que abrigo?

A palavra oscila no espaço  
um momento. Eis que, sibilino,  
entre as aparências sem rumo,  
responde o poeta: Ao meu destino.

E foi-se para onde a intuição,  
o amor, o risco desejado  
o chamavam, sem que ninguém  
pressentisse, em torno, o Chamado.

## QUINTANA'S BAR

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço bruscamente se descerram, encontro, que eu nunca vira, o poeta Mário Quintana.

Tão simples reconhecê-lo, toda identificação é vã. O poeta levanta seu copo. Levanto o meu. Em algum lugar — coxilha? montanha? vai rorejando a manhã.

Na total desincorporação das coisas antigas, perdura um elemento mágico: estrela-do-mar — ou Aldebarã?, tamiquinhos, menina correndo com o arco. E corre com pés de lã.

Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos cúmplices, ele com seu talismã. Assim me fascinavam outrora as feitiçarias da preta, na cozinha de picumã.

Na conspiração da madrugada, erra solitário — dissolve-se o bar — o poeta Quintana. Seu olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bruma de antanho.

Uma teia se tecendo, e sem trabalho de aranha. Falo de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de avelã.

Agora voamos sobre tetos, à garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que não temos, pintamos uma romã.

E já os homens sem província, despetala-se a flor aldeã. O poeta aponta-me casas: a de Rimbaud, a de Blake, e a gruta camoniana.

As amadas do poeta, lá embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma, gotas ácidas, desaparecem no poema. É há tantos anos, será ontem, foi amanhã? Signos criptográficos ficam gravados no céu eterno — ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debruçado sobre o mármore, silenciosamente viaja o poeta Mário Quintana.

## ANIVERSÁRIO

Os cinco anos de tua morte  
esculpiram já uma criança.  
Moldada em éter, de tal sorte,  
ela é fulva e no dia avança.

Este menino malasártico,  
Macunaíma de novo porte,  
escreve cartas no ar fantástico  
para compensar tua morte.

Com todos os dentes, feliz,  
lá de um mundo sem sul nem norte,  
de teu inesgotável país,  
ris. Alegria ou puro esporte?

Ris, irmão, assim cristalino  
(Mozart aberto em pianoforte)  
o redondo, claro, apolíneo  
riso de quem conhece a morte.

Não adianta, vê, te prantearmos...  
Tudo sabes, sem que isso importe  
em cinismo, pena, sarcasmo.  
E, deserto, ficas mais forte.

Giras na Ursa Maior, acaso,  
solitário, em meio à coorte,  
sem, nas pupilas, flor ou vaso.  
Mas o jardim é teu, da morte.

Se de nosso nada possuímos  
salvo o apaixonado transporte  
— vida é paixão —, contigo rimos,  
expectantes, em frente à Porta!

#### IV — SELO DE MINAS

## EVOCAÇÃO MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.  
Havia poucas flores. Eram flores de horta.  
Sob a luz fraca, na sombra esculpida  
(quais as imagens e quais os fiéis?)  
ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza  
subia às tábuas do forro,  
batia no púlpito seco,  
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,  
perdia-se.

Não, não se perdia...  
Desatava-se do coro a música deliciosa  
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas  
campinas do ar)  
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —  
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,  
como do tempo atroz imunes nossas almas.  
flutuávamos  
no canto matinal, sobre a treva do vale.

## ESTAMPAS DE VILA RICA

### *I — CARMO*

Não calques o jardim  
nem assustes o pássaro.  
Um e outro pertencem  
aos mortos do Carmo.

Não bebas a esta fonte  
nem toques nos altares.  
Todas estas são prendas  
dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos  
ou no ouro da talha,  
olha: o que está vivo  
são mortos do Carmo.

*II — SÃO FRANCISCO DE ASSIS*

Senhor, não mereço isto.  
Não creio em vós para vos amar.  
Trouwastes-me a São Francisco  
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,  
seu frontispício me basta.  
Vossas flores e querubins  
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza  
destes ornatos. E não a alma  
Pressente-se dor de homem,  
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco  
na rósea nave triunfal.  
Por que tanto baixar o céu?  
Por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos  
entretanto me sorriem.  
Mais que vossa igreja, esta  
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

*III — MERCÊS DE CIMA*

Pequena prostituta em frente a Mercês de Cima  
Dádiva de corpo na tarde cristã.  
Anjos caídos da portada  
e nenhum Aleijadinho para recolhê-los.

*IV — HOTEL TOFFOLO*

E vieram dizer-nos que não havia jantar.  
Como se não houvesse outras fomes  
e outros alimentos.

Como se a cidade não nos servisse o seu pão  
de nuvens.

Não, hoteleiro, nosso repasto é interior,  
e só pretendemos a mesa.  
Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras.  
Tudo se come, tudo se comunica,  
tudo, no coração, é ceia.

*V — MUSEU DA INCONFIDÊNCIA*

São palavras no chão  
e memória nos autos.

As casas inda restam,  
os amores, mais não.

E restam poucas roupas,  
sobrepeliz de pároco,  
a vara de um juiz,  
anjos, púrpuras, ecos.

Macia flor de olvido,  
sem aroma governas  
o tempo ingovernável.  
Muros pranteiam. Só.

Toda história é remorso.

## MORTE DAS CASAS DE OURO PRETO

Sobre o tempo, sobre a taipa,  
a chuva escorre. As paredes  
que viram morrer os homens,  
que viram fugir o ouro,  
que viram finar-se o reino,  
que viram, reviram, viram,  
já não vêem. Também morrem.

Assim plantadas no outeiro,  
menos rudes que orgulhosas  
na sua pobreza branca,  
azul e rosa e zarcão,  
ai, pareciam eternas!  
Não eram. E cai a chuva  
sobre rótula e portão.

Vai-se a rótula crivando  
como a renda consumida

de um vestido funerário.  
E ruindo se vai a porta.  
Só a chuva monorrítmica  
sobre a noite, sobre a história  
goteja. Morrem as casas.

Morrem, severas. É tempo  
de fatigar-se a matéria  
por muito servir ao homem,  
e de o barro dissolver-se.  
Nem parecia, na serra,  
que as coisas sempre cambiam  
de si, em si. Hoje, vão-se.

O chão começa a chamar  
as formas estruturadas  
faz tanto tempo. Convoca-as  
a serem terra outra vez.  
Que se incorporem as árvores  
hoje vigas! Volte o pó  
a ser pó pelas estradas!

A chuva desce, às canadas.  
Como chove, como pinga  
no país das remembranças!  
Como bate, como fere,  
como traspassa a medula,  
como punge, como lanha  
o fino dardo da chuva

mineira, sobre as colinas!  
Minhas casas fustigadas,  
minhas paredes zurzidas,  
minhas esteiras de forro,

meus cachorros de beiral,  
meus paços de telha-vã  
estão úmidos e humildes.

Lá vão, enxurrada abaixo,  
as velhas casas honradas  
em que se amou e pariu,  
em que se guardou moeda  
e no frio se bebeu.  
Vão no vento, na caliça,  
no morcego, vão na geada,

enquanto se espalham outras  
em polvorentas partículas,  
sem as vermos fenecer.  
Ai, como morrem as casas!  
Como se deixam morrer!  
E descascadas e secas,  
ei-las sumindo-se no ar.

Sobre a cidade concentrado  
o olhar experimentado,  
esse agudo olhar afiado  
de quem é douto no assunto.  
(Quantos perdi me ensinaram.)  
Vejo a coisa pegaçosa,  
vai circunvoando na calma.

Não basta ver morte de homem  
para conhecê-la bem.  
Mil outras brotam em nós,  
à nossa roda, no chão.  
A morte baixou dos ermos,  
gavião molhado. Seu bico  
vai lavrando o paredão

e dissolvendo a cidade.  
Sobre a ponte, sobre a pedra,  
sobre a cambraia de Nize,  
uma colcha de neblina  
(já não é a chuva forte)  
me conta por que mistério  
o amor se banha na morte.

## CANTO NEGRO

À beira do negro poço  
debruço-me, nada alcanço.  
Decerto perdi os olhos  
que tinha quando criança.

Decerto os perdi. Com eles  
é que te encarava, preto,  
gravura de cama e padre,  
talhada em pele, no medo.

Ai, preto, que ris em mim,  
nesta roupinha de luto  
e nesta noite sem causa,  
com saudade das ambacas  
que nunca vi, e aonde fui  
num cabelo de sovaco.  
Preto que vivi, chupando  
já não sei que seios moles

mais claros no busto preto  
no longo corredor preto  
entre volutas de preto  
cachimbo em preta cozinha.

Já não sei onde te escondes  
que não me encontro nas tuas  
dobras de manto mortal.  
Já não sei, negro, em que vaso,  
que vão ou que labirinto  
de mim, te esquivas a mim,  
e zombas desta gelada  
calma vã de suíça e de alma  
em que me pranteio, branco,  
brinco, bronco, triste blau  
de neutro brasão escócio...  
Meu preto, o bom era o nosso.

O mau era o nosso. E amávamos  
a comum essência triste  
que transmutava os carinhos  
numa visguenta doçura  
de vulva negro-amaranto,  
barata! que vosso preço,  
ó corpos de antigamente,  
somente estava no dom  
de vós mesmos ao desejo,  
num entregar-se sem pejo  
de terra pisada.

Amada,  
talvez não, mas que cobiça  
tu me despertavas, linha  
que subindo pelo artelho,  
enovelando-se no joelho,  
dava ao mistério das coxas

uma ardente pulcritude,  
uma graça, uma virtude  
que nem sei como acabava  
entre as moitas e coágulos  
da letárgica bacia  
onde a gente se pasmava,  
se perdia, se afogava  
e depois se ressarcia.

Bacia negra, o clarão  
que súbito entremostravas  
ilumina toda a vida  
e por sobre a vida entreabre  
um coalho fixo lunar,  
neste amarelo decor  
das posses de todo dia,  
sol preto sobre água fria.

Vejo os garotos na escola,  
preto-branco-branco-preto,  
vejo pés pretos e uns brancos  
dentes de marfim mordente,  
o alvor do riso escondendo  
outra negridão maior,  
o negro central, o negro  
que enegrece teu negrume  
e que nada mais resume  
além dessa solidade  
que do branco vai ao preto  
e do preto volta pleno  
de soluços e resmungos,  
como um rancor de si mesmo...

Como um rancor de si mesmo,  
vem do preto essa ternura,

essa onda amarga, esse bafo  
a rodar pelas calçadas,  
famélica voz perdida  
numa garrafa de breu,  
de pranto ou coisa nenhuma:  
esse estar e não-estar,  
esse não-estar já sendo,  
esse ir como esse refluir,  
dançar de umbigo, litúrgico,  
sofrer, brunir bem a roupa  
que só um anjo vestira,  
se é que os anjos se mirassem,  
essa nostalgia rara  
de um país antes dos outros,  
antes do mito e do sol,  
onde as coisas nem de brancas  
fossem chamadas, lançando-se  
definitivas eternas  
coisas bem antes dos homens.

À beira do negro poço  
debruço-me; e nele vejo,  
agora que não sou moço,  
um passarinho e um desejo.

## OS BENS E O SANGUE

### I

Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847  
nesta fazenda do Tanque e em dez outras casas de rei, q  
[não de valete,  
em Itabira Ferros Guanhães Cocais Joanésia Capão  
diante do estrume em q se movem nossos escravos, e da  
[viração  
perfumada dos cafezais q trança na palma dos coqueiros  
fiéis servidores de nossa paisagem e de nossos fins primeiros,  
deliberamos vender, como de fato vendemos, cedendo posse  
[Ius e domínio  
e abrangendo desde os engenhos de secar areia até o ouro  
[mais fino,  
nossas lavras mto nossas por herança de nossos pais e  
[sogros bem-amados  
q dormem na paz de Deus entre santas e santos  
[martirizados.

Por isso neste papel azul Bath escrevemos com a nossa  
[melhor letra  
estes nomes q em qualquer tempo desafiarão tramóia  
[trapaça e treta:

ESMERIL  
CANDONGA

PISSARRÃO  
CONCEIÇÃO

E tudo damos por vendido ao compadre e nosso amigo o  
[snr Raimundo Procópio  
e a d. Maria Narcisa sua mulher, e o q não for vendido,  
[por alborque  
de nossa mão passará, e trocaremos lavras por matas,  
lavras por títulos, lavras por mulas, lavras por mulatas e  
[arriatas,  
que trocar é nosso fraco e lucrar é nosso forte. Mas fique  
[esclarecido:  
somos levados menos por gosto do sempre negócio q no  
[sentido  
de nossa remota descendência ainda mal debuxada no  
[longe dos serros.  
De nossa mente lavamos o ouro como de nossa alma um  
[dia os erros  
se lavarão na pia da penitência. E filhos netos bisnetos  
tataranetos despojados dos bens mais sólidos e rutilantes  
[portanto os mais completos  
irão tomado a pouco e pouco desapego de toda fortuna  
e concentrando seu fervor numa riqueza só, abstrata e una.

LAVRA DA PACIÊNCIA  
LAVRINHA DE CUBAS  
ITABIRUÇU

II

Mais que todos deserdamos  
deste nosso oblíquo modo  
um menino inda não nado  
(e melhor não fora nado)  
que de nada lhe daremos  
sua parte de nonada  
e que nada, porém nada  
o há de ter desenganado.

E nossa rica fazenda  
já presto se desfazendo  
vai-se em sal cristalizando  
na porta de sua casa  
ou até na ponta da asa  
de seu nariz fino e frágil,  
de sua alma fina e frágil,  
de sua certeza frágil  
frágil frágil frágil frágil

mas que por frágil é ágil,  
e na sua mala-sorte  
se rirá ele da morte.

III

Este figura em nosso  
pensamento secreto.  
Num magoado alvoroço  
o queremos marcado

a nos negar; depois  
de sua negação  
nos buscará. Em tudo  
será pelo contrário  
seu fado extra-ordinário.  
Vergonha da família  
que de nobre se humilha  
na sua malincônica  
tristura meio cômica,  
dulciamara nux-vômica.

*IV*

Este hemos por bem  
reduzir à simples  
condição ninguém.  
Não lavrará campo.  
Tirará sustento  
de algum mel nojento.  
Há de ser violento  
sem ter movimento.  
Sofrerá tormenta  
no melhor momento.

Não se sujeitando  
a um poder celeste  
ei-lo senão quando  
de nudez se veste,  
roga à escuridão  
abrir-se em clarão.  
Este será tonto  
e amará no vinho

um novo equilíbrio  
e seu passo tíbio  
sairá na cola  
de nenhum caminho.

*V*

— Não judie com o menino,  
compadre.  
— Não torça tanto o pepino,  
major.  
— Assim vai crescer mofino,  
sinhô!

— Pedimos pelo menino porque pedir é nosso destino.  
Pedimos pelo menino porque vamos acalentá-lo.  
Pedimos pelo menino porque já se ouve planger o sino  
do tombo que ele levar quando monte a cavalo.

— Vai cair do cavalo  
de cabeça no valo.  
Vai ter catapora  
amarelão e gálico  
vai errar o caminho  
vai quebrar o pescoço  
vai deitar-se no espinho  
fazer tanta besteira  
e dar tanto desgosto  
que nem a vida inteira  
dava para contar.  
E vai muito chorar.  
(A praga que te rogo  
para teu bem será.)

*VI*

*Os urubus no telhado:*

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo  
E por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada  
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro  
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios,  
e se irão os últimos escravos, e virão os primeiros

[camaradas;  
e a besta Belisa renderá os arrogantes corcéis da monarquia,  
e a vaca Belisa dará leite no curral vazio para o menino  
[doentio,  
e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no cemitério  
se rirão se rirão porque os mortos não choram.

*VII*

Ó monstros lajos e andridos que me perseguis com vossas  
[barganhas  
sobre meu berço imaturo e de minhas minas me expulsais.  
Os parentes que eu amo expiraram solteiros.  
Os parentes que eu tenho não circulam em mim.  
Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos  
[pretos,  
minha carne dos palhaços, minha fome das nuvens,  
e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.

Onde estás, capitão, onde estás, João Francisco,  
do alto de tua serra eu te sinto sozinho  
e sem filhos e netos interrompes a linha

que veio dar a mim neste chão esgotado.  
Salva-me, capitão, de um passado voraz.  
Livra-me, capitão, da conjura dos mortos.  
Inclui-me entre os que não são, sendo filhos de ti.  
E no fundo da mina, ó capitão, me esconde.

*VIII*

— Ó meu, ó nosso filho de cem anos depois,  
que não sabes viver nem conheces os bois  
pelos seus nomes tradicionais... nem suas cores  
marcadas em padrões eternos desde o Egito.  
Ó filho pobre, e descorçoado, e finito,  
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais  
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos  
para tristeza nossa e consumação das eras,  
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,  
ó poeta de uma poesia que se furta e se expande  
à maneira de um lago de pez e resíduos letais...  
És nosso fim natural e somos teu adubo,  
tua explicação e tua mais singela virtude...  
Pois carecia que um de nós nos recusasse  
para melhor servir-nos. Face a face  
te contemplamos, e é teu esse primeiro  
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

## *V – OS LÁBIOS CERRADOS*

## CONVÍVIO

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que  
[eles não vivem senão em nós  
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão débil.  
Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se  
[chama tempo.  
E essa eternidade negativa não nos desola.  
Pouco e mal que eles vivam, dentro de nós, é vida não  
[obstante.  
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.  
  
Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais  
[habitantes  
e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!  
A mais tênue forma exterior nos atinge.  
O próximo existe. O pássaro existe.  
E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo  
[sorrindo, que disfarçados...

Há que renunciar a toda procura.  
Não os encontrámos, ao encontrá-los.  
Ter e não ter em nós um vaso sagrado,  
um depósito, uma presença contínua,  
esta é nossa condição, enquanto,  
sem condição, transitamos  
e julgamos amar  
e calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e  
[nossa existência,  
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.

## PERMANÊNCIA

Agora me lembra um, antes me lembrava outro.

Dia virá em que nenhum será lembrado.

Então no mesmo esquecimento se fundirão.  
Mais uma vez a carne unida, e as bodas  
cumprindo-se em si mesmas, como ontem e sempre.

Pois eterno é o amor que une e separa, e eterno o fim  
(já começara, antes de ser), e somos eternos,  
frágeis, nebulosos, tartamudos, frustrados: eternos.  
E o esquecimento ainda é memória, e lagoas de sono  
selam em seu negrume o que amamos e fomos um dia,  
ou nunca fomos, e contudo arde em nós  
à maneira da chama que dorme nos paus de lenha jogados  
[no galpão.

## PERGUNTAS

**N**uma incerta hora fria  
perguntei ao fantasma  
que força nos prendia,  
ele a mim, que presumo  
estar livre de tudo,  
eu a ele, gasoso,  
todavia palpável  
na sombra que projeta  
sobre meu ser inteiro:  
um ao outro, cativos  
desse mesmo princípio  
ou desse mesmo enigma  
que distrai ou concentra  
e renova e matiza,  
prolongando-a no espaço,  
uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida  
o segredo de nosso

convívio sem contacto,  
de estarmos ali quedos,  
eu em face do espelho,  
e o espelho devolvendo  
uma diversa imagem,  
mas sempre evocativa  
do primeiro retrato  
que compõe de si mesma  
a alma predestinada  
a um tipo de aventura  
terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois  
por que tanto insistia  
nos mares mais exíguos  
em distribuir navios  
desse calado irreal,  
sem rota ou pensamento  
de atingir qualquer porto,  
propícios a naufrágio  
mais que a navegação;  
nos frios alcantis  
de meu serro natal,  
desde muito derruido,  
em acordar memórias  
de vaqueiros e vozes,  
magras reses, caminhos  
onde a bosta de vaca  
é único ornamento,  
e o coqueiro-de-espinho  
desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim  
a razão sem razão  
de me inclinar afliito

sobre restos de restos,  
de onde nenhum alento  
vem refrescar a febre  
deste repensamento;  
sobre esse chão de ruínas  
imóveis, militares  
na sua rigidez  
que o orvalho matutino  
já não banha ou conforta.

No vôo que desfere,  
silente e melancólico,  
rumo da eternidade,  
ele apenas responde  
(se acaso é responder  
a mistérios, somar-lhes  
um mistério mais alto):

*Amar, depois de perder.*

## CARTA

Bem quisera escrevê-la  
com palavras sabidas,  
as mesmas, triviais,  
embora estremecessem  
a um toque de paixão.  
Perfurando os obscuros  
canais de argila e sombra,  
ela iria contando  
que vou bem, e amo sempre  
e amo cada vez mais  
a essa minha maneira  
torcida e reticente,  
e espero uma resposta,  
mas que não tarde; e peço  
um objeto minúsculo  
só para dar prazer  
a quem pode ofertá-lo;  
diria ela do tempo

que faz do nosso iado;  
as chuvas já secaram,  
as crianças estudam,  
uma última invenção  
(inda não é perfeita)  
faz ler nos corações,  
mas todos esperamos  
rever-nos bem depressa.  
Muito depressa, não.  
Vai-se tornando o tempo  
estranhamente longo  
à medida que encurta.  
O que ontem disparava,  
desbordado alazão,  
hoje se paralisa  
em esfinge de mármore,  
e até o sono, o sono  
que era grato e era absurdo  
é um dormir acordado  
numa planície grave.  
Rápido é o sonho, apenas,  
que se vai, de mandar  
notícias amorosas  
quando não há amor  
a dar ou receber;  
quando só há lembrança,  
ainda menos, pó,  
menos ainda, nada,  
nada de nada em tudo,  
em mim mais do que em tudo,  
e não vale acordar  
quem acaso repouse  
na colina sem árvores.  
Contudo, esta é uma carta.

## ENCONTRO

**M**eu pai perdi no tempo e ganho em sonho.  
Se a noite me atribui poder de fuga,  
sinto logo meu pai e nele ponho  
o olhar, lendo-lhe a face, ruga a ruga.

Está morto, que importa? Inda madrugada  
e seu rosto, nem triste nem risonho,  
é o rosto antigo, o mesmo. E não enxuga  
suor algum, na calma de meu sonho.

Ó meu pai arquiteto e fazendeiro!  
Faz casas de silêncio, e suas roças  
de cinza estão maduras, orvalhadas

por um rio que corre o tempo inteiro,  
e corre além do tempo, enquanto as nossas  
murcham num sopro fontes represadas.

## A MESA

**E**não gostavas de festa...  
Ó velho, que festa grande  
hoje te faria a gente.  
E teus filhos que não bebem  
e o que gosta de beber,  
em torno da mesa larga,  
largavam as tristes dietas,  
esqueciam seus fricotes,  
e tudo era farra honesta  
acabando em confidênciा.  
Ai, velho, ouvirias coisas  
de arrepiar teus noventa.  
E daí, não te assustávamos,  
porque, com riso na boca,  
e a nédia galinha, o vinho  
português de boa pinta,  
e mais o que alguém faria  
de mil coisas naturais

e fartamente poria  
em mil terrinas da China,  
já logo te insinuávamos  
que era tudo brincadeira.  
Pois sim. Teu olho cansado,  
mas afeito a ler no campo  
uma lonjura de léguas,  
e na lonjura uma rês  
perdida no azul azul,  
entrava-nos alma adentro  
e via essa lama podre  
e com pesar nos fitava  
e com ira amaldiçoava  
e com doçura perdoava  
(perdoar é rito de pais,  
quando não seja de amantes).  
E, pois, todo nos perdoando,  
por dentro te regalavas  
de ter filhos assim... Puxa,  
grandessíssimos safados,  
me saíram bem melhor  
que as encomendas. De resto,  
filho de peixe... Calavas,  
com agudo sobrecentro  
interrogavas em ti  
uma lembrança saudosa  
e não de todo remota  
e rindo por dentro e vendo  
que lançaras uma ponte  
dos passos loucos do avô  
à incontinência dos netos,  
sabendo que toda carne  
aspira à degradação,  
mas numa via de fogo  
e sob um arco sexual,

tossias. Hem, hem, meninos,  
não sejam bobos. Meninos?  
Uns marmanjos cinqüentões,  
calvos, vividos, usados,  
mas resguardando no peito  
essa alvura de garoto,  
essa fuga para o mato,  
essa gula defendida  
e o desejo muito simples  
de pedir à mãe que cosa,  
mais do que nossa camisa,  
nossa alma frouxa, rasgada...  
Ai, grande jantar mineiro  
que seria esse... Comíamos,  
e comer abria fome,  
e comida era pretexto.  
E nem mesmo precisávamos  
ter apetite, que as coisas  
deixavam-se espotejar,  
e amanhã é que eram elas.  
Nunca desdenhe o tutu.  
Vá lá mais um torresminho.  
E quanto ao peru? Farofa  
há de ser acompanhada  
de uma boa cachacinha,  
não desfazendo em cerveja,  
essa grande camarada.  
Ind'outro dia... Comer  
guarda tamanha importância  
que só o prato revele  
o melhor, o mais humano  
dos seres em sua treva?  
Beber é pois tão sagrado  
que só bebido meu mano  
me desata seu queixume,

abrindo-me sua palma?  
Sorver, papar: que comida  
mais cheirosa, mais profunda  
no seu tronco luso-árabe,  
e que bebida mais santa  
que a todos nos une em um  
tal centímano glutão,  
parlapatão e bonzão!  
E nem falta a irmã que foi  
mais cedo que os outros e era  
rosa de nome e nascera  
em dia tal como o de hoje  
para enfeitar tua data.  
Seu nome sabe a camélia,  
e sendo uma rosa-amélia,  
flor muito mais delicada  
que qualquer das rosas-rosa,  
viveu bem mais do que o nome,  
porém no íntimo claustrava  
a rosa esparsa. A teu lado,  
vê: recobrou-se-lhe o viço.  
Aqui sentou-se o mais velho.  
Tipo do manso, do sonso,  
não servia para padre,  
amava casos bandalhos;  
depois o tempo fez dele  
o que faz de qualquer um;  
e à medida que envelhece,  
vai estranhamente sendo  
retrato teu sem ser tu,  
de sorte que se o diviso  
de repente, sem anúncio,  
és tu que me reapareces  
noutro velho de sessenta.  
Este outro aqui é o doutor,

o bacharel da família,  
mas suas letras mais doutas  
são as escritas no sangue,  
ou sobre a casca das árvores.  
Sabe o nome da florzinha  
e não esquece o da fruta  
mais rara que se prepara  
num casamento genético.  
Mora nele a nostalgia,  
citadino, do ar agreste,  
e, camponês, do letrado.  
Então vira patriarca.  
Mais adiante vê aquele  
que de ti herdou a dura  
vontade, o duro estoicismo.  
Mas, não quis te repetir.  
Achou não valer a pena  
reproduzir sobre a terra  
o que a terra engolirá.  
Amou. E ama. E amará.  
Só não quer que seu amor  
seja uma prisão de dois,  
um contrato, entre bocejos  
e quatro pés de chinelo.  
Feroz a um breve contacto,  
à segunda vista, seco,  
à terceira vista, lhano,  
dir-se-ia que ele tem medo  
de ser, fatalmente, humano.  
Dir-se-ia que ele tem raiva,  
mas que mel transcende a raiva,  
e que sábios, ardilosos  
recursos de se enganar  
quanto a si mesmo: exercita  
uma força que não sabe

chamar-se, apenas, bondade.  
Esta calou-se. Não quis  
manter com palavras novas  
o colóquio subterrâneo  
que num sussurro percorre  
a gente mais desatada.  
Calou-se, não te aborreças.  
Se tanto assim a querias,  
algo nela ainda te quer,  
à maneira atravessada  
que é própria de nosso jeito.  
(Não ser feliz tudo explica.)  
Bem sei como são penosos  
esses lances de família,  
e discutir neste instante  
seria matar a festa,  
matando-te — não se morre  
uma só vez, nem de vez.  
Restam sempre muitas vidas  
para serem consumidas  
na razão dos desencontros  
de nosso sangue nos corpos  
por onde vai dividido.  
Ficam sempre muitas mortes  
para serem longamente  
reencarnadas noutro morto.  
Mas estamos todos vivos.  
E mais que vivos, alegres.  
Estamos todos como éramos  
antes de ser, e ninguém  
dirá que ficou faltando  
algum dos teus. Por exemplo:  
ali ao canto da mesa,  
não por humilde, talvez  
por ser o rei dos vaidosos

e se pelar por incômodas  
posições de tipo *gauche*,  
ali me vês tu. Que tal?  
Fica tranquilo: trabalho.  
Afinal, a boa vida  
ficou apenas: a vida  
(e nem era assim tão boa  
e nem se fez muito má).  
Pois ele sou eu. Repara:  
tenho todos os defeitos  
que não farejei em ti,  
e nem os tenho que tinhas,  
quanto mais as qualidades.  
Não importa: sou teu filho  
com ser uma negativa  
maneira de te afirmar.  
Lá que brigamos, brigamos,  
opa! que não foi brinquedo,  
mas os caminhos do amor,  
só amor sabe trilhá-los.  
Tão ralo prazer te dei,  
nenhum, talvez... ou senão,  
esperança de prazer,  
é, pode ser que te desse  
a neutra satisfação  
de alguém sentir que seu filho,  
de tão inútil, seria  
sequer um sujeito ruim.  
Não sou um sujeito ruim.  
Descansa, se o suspeitavas,  
mas não sou lá essas coisas.  
Alguns afetos recortam  
o meu coração chateado.  
Se me chateio? demais.  
Esse é meu mal. Não herdei

de ti essa balda. Bem,  
não me olhes tão longo tempo,  
que há muitos a ver ainda.  
Há oito. E todos minúsculos,  
todos frustrados. Que flora  
mais triste fomos achar  
para ornamento de mesa!  
Qual nada. De tão remotos,  
de tão puros e esquecidos  
no chão que suga e transforma,  
são anjos. Que luminosos!  
que raios de amor radiam,  
e em meio a vagos cristais  
o cristal deles retine,  
reverbera a própria sombra.  
São anjos que se dignaram  
participar do banquete,  
alisar o tamborete,  
viver vida de menino.  
São anjos; e mal sabias  
que um mortal devolve a Deus  
algo de sua divina  
substância aérea e sensível,  
se tem um filho e se o perde.  
Conta: quatorze na mesa.  
Ou trinta? serão cinqüenta,  
que sei? se chegam mais outros,  
uma carne cada dia  
multiplicada, cruzada  
a outras carnes de amor.  
São cinqüenta pecadores,  
se pecado é ter nascido  
e provar, entre pecados,  
os que nos foram legados.  
A procissão de teus netos,

alongando-se em bisnetos,  
veio pedir tua bênção  
e comer de teu jantar.  
Repara um pouquinho nesta,  
no queixo, no olhar, no gesto,  
e na consciência profunda  
e na graça menineira,  
e diz, depois de tudo,  
se não é, entre meus erros,  
uma imprevista verdade.  
Esta é minha explicação,  
meu verso melhor ou único,  
meu tudo enchendo meu nada  
Agora a mesa repleta  
está maior do que a casa.  
Falamos de boca cheia,  
xingamo-nos mutuamente,  
rimos, ai, de arrebentar,  
esquecemos o respeito  
terrível, inibidor,  
e toda a alegria nossa,  
resssecada em tantos negros  
bródios comemorativos  
(não convém lembrar agora)  
os gestos acumulados  
de efusão fraterna, atados  
(não convém lembrar agora),  
as fina-e-meigas palavras  
que ditas naquele tempo  
teriam mudado a vida  
(não convém mudar agora)  
vem tudo à mesa e se espalha  
qual inédita vitualha.  
Oh que ceia mais celeste  
e que gozo mais do chão!

Quem preparou? que inconteste  
vocação de sacrifício  
põe a mesa, teve os filhos?  
quem se apagou? quem pagou  
a pena deste trabalho?  
quem foi a mão invisível  
que traçou este arabesco  
de flor em torno ao pudim,  
como se traça uma auréola?  
quem tem auréola? quem não  
a tem, pois que, sendo de ouro,  
cuida logo em reparti-la,  
e se pensa melhor faz?  
quem senta do lado esquerdo,  
assim curvada? que branca,  
mas que branca mais que branca  
tarja de cabelos brancos  
retira a cor das laranjas,  
anula o pó do café,  
cassa o brilho aos serafins?  
quem é toda luz e é branca?  
Decerto não pressentias  
como o branco pode ser  
uma tinta mais diversa  
da mesma brancura... Alvura  
elaborada na ausência  
de ti, mas ficou perfeita,  
concreta, fria, lunar.  
Como pode nossa festa  
ser de um só que não de dois?  
Os dois ora estais reunidos  
numa aliança bem maior  
que o simples elo da terra.  
Estais juntos nesta mesa  
de madeira mais de lei

que qualquer lei da república.

Estais acima de nós,

acima deste jantar

para o qual vos convocamos

por muito — enfim — vos querermos

e, amando, nos iludirmos

junto da mesa

vazia.

## VI — A MÁQUINA DO MUNDO

## A MÁQUINA DO MUNDO

**E** como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas, pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco  
se misturasse ao som de meus sapatos  
que era pausado e seco; e aves pairassem  
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo  
na escuridão maior, vinda dos montes  
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu  
para quem de a romper já se esquivava  
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circumspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção  
contínua e dolorosa do deserto,  
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende  
a própria imagem sua debuxada  
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando  
quantos sentidos e intuições restavam  
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejava recobrá-los,  
se em vão e para sempre repetimos  
os mesmos sem roteiro tristes pérriplos,

convidando-os a todos, em coorte,  
a se aplicarem sobre o pasto inédito  
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma  
ou sopro ou eco ou simples percussão  
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,  
em colóquio se estava dirigindo:  
“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular  
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo.”

As mais soberbas pontes e edifícios,  
o que nas oficinas se elabora,  
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,  
os recursos da terra dominados,  
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre  
ou se prolonga até nos animais  
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,  
dá volta ao mundo e torna a se engolfar  
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade;

e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento de morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance  
e me chamou para seu reino augusto,  
afinal submetido à vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder  
a tal apelo assim maravilhoso,  
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,  
  
a esperança mais mínima — esse anelo  
de ver desvanecida a treva espessa  
que entre os raios do sol inda se filtra;  
  
como defuntas crenças convocadas  
presto e fremente não se produzissem  
a de novo tingir a neutra face  
  
que vou pelos caminhos demonstrando,  
e como se outro ser, não mais aquele  
habitante de mim há tantos anos,  
  
passasse a comandar minha vontade  
que, já de si volúvel, se cerrava  
semelhante a essas flores reticentes  
  
em si mesmas abertas e fechadas;  
como se um dom tardio já não fora  
apetecível, antes despiciendo,  
  
baixei os olhos, incurioso, lasso,  
desdenhando colher a coisa oferta  
que se abria gratuita a meu engenho.  
  
A treva mais estrita já pousara  
sobre a estrada de Minas, pedregosa,  
e a máquina do mundo, repelida,  
  
se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, avaliando o que perdera,  
seguia vagaroso, de mãos pensas.

## RELÓGIO DO ROSÁRIO

Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva  
  
pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,  
  
que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro.  
  
Oh dor individual, afrodisíaco  
selo gravado em plano dionisíaco,  
  
a desdobrar-se, tal um fogo incerto,  
em qualquer um mostrando o ser deserto,  
  
dor primeira e geral, esparramada,  
nutrindo-se do sal do próprio nada,

convertendo-se, turva e minuciosa,  
em mil pequena dor, qual mais raivosa,

prelibando o momento bom de doer,  
a invocá-lo, se custa a aparecer,

dor de tudo e de todos, dor sem nome,  
ativa mesmo se a memória some,

dor do rei e da roca, dor da cousa  
indistinta e universa, onde repousa

tão habitual e rica de pungência  
como um fruto maduro, uma vivência,

dor dos bichos, oclusa nos focinhos,  
nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Não é pois todo amor alvo divino,  
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única  
fonte de luz, na luz de sua túnica?

O amor elide a face... Ele murmura  
algo que foge, e é brisa e fala impura.

O amor não nos explica. E nada basta,  
nada é de natureza assim tão casta

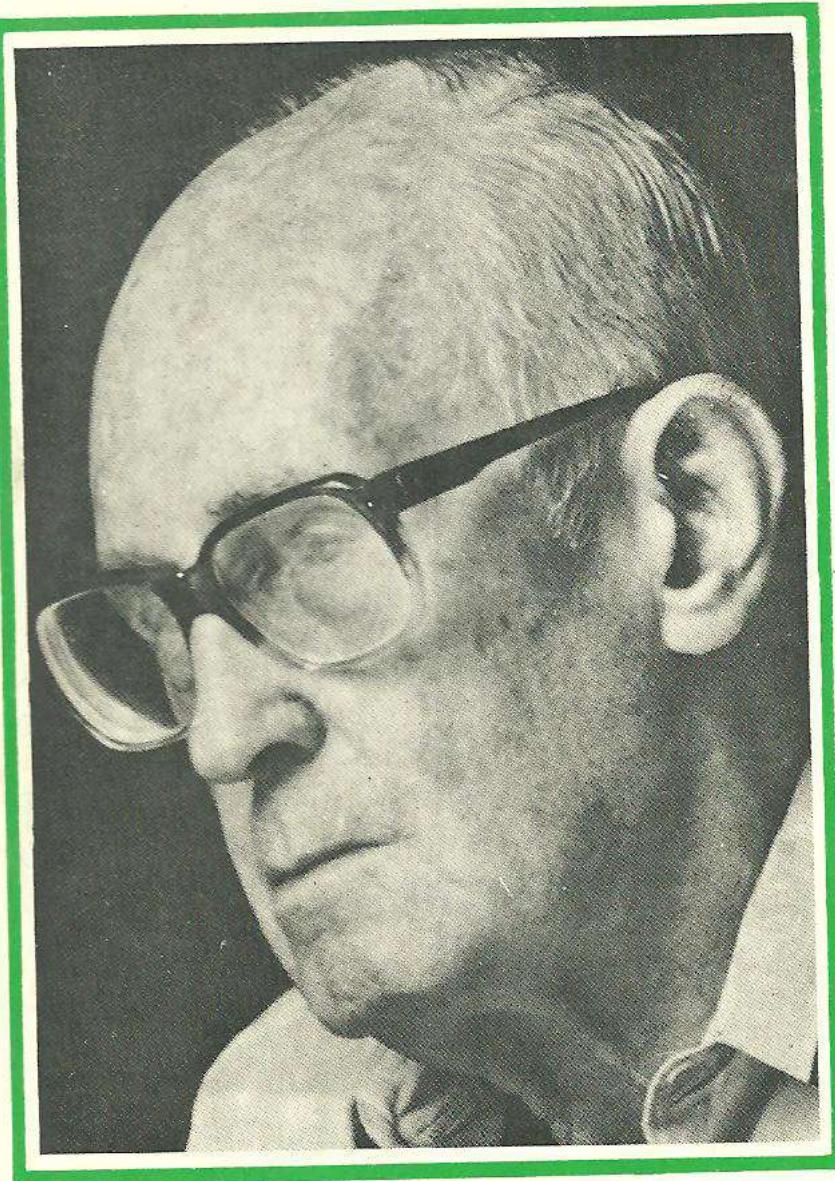
que não macule ou perca sua essência  
ao contato furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício  
de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Mas, na dourada praça do Rosário,  
foi-se, no som, a sombra. O columbário

já cinza se concentra, pó de tumbas,  
já se permite azul, risco de pombas.



*A palavra oscila no espaço  
um momento. Eis que, sibilino,  
entre as aparências sem rumo,  
responde o poeta: Ao meu destino.*

ISBN 85-01-03852-0

A standard linear barcode representing the ISBN 85-01-03852-0.

9 788501 038524